

# Desenvolvimento da liberdade no mundo<sup>1</sup>

## Development of freedom in the world

## Desarrollo de la libertad en el mundo

  Élisée Reclus

**Resumo:** O texto apresentado é, na realidade, uma convocação para a revolução. Partindo das perspectivas política e histórica, Reclus analisa a luta pela liberdade em diferentes momentos da humanidade e enfatiza as divisões criadas no interior das sociedades para legitimar as relações de dominação. Defende que a liberdade seja completa e absoluta, limitada apenas pelo amor, entendido como indissociável da liberdade, da mesma forma como são os direitos e os deveres. Ressalta ainda a importância da união entre os oprimidos contra o poder constituído e afirma que o progresso vem da ação, discordando, portanto, das interpretações religiosas que, ao considerarem tudo como vontade divina, desconsideraram as ações humanas na evolução das sociedades. Embora considere a possibilidade de uma república que possa também ser composta por valores religiosos, apresenta as primeiras reflexões sobre a noção de República Universal, claramente ancorada nas premissas anarquistas.

**Palavras-chave:** Élisée Reclus. Liberdade. Revolução. República Universal.

**Abstract:** This text is, in reality, a call for revolution. Starting from the political and historical perspectives, Reclus analyzes the struggle for freedom at different moments in humanity and emphasizes the divisions created within societies to legitimize relations of domination. He defends that freedom is complete and absolute, limited only by love, understood

<sup>1</sup> Traduzido por Sergio Aparecido Nabarro a partir da publicação original: RECLUS, Élisée. Développement de la Liberté dans le Monde. Le Libertaire, n° 22 (28 de agosto), n° 23 (04 de setembro), n° 25 (18 de setembro), n° 26 (25 de setembro) e n° 27 (02 de outubro), Paris, 1925. Disponíveis no International Institute of Social History (Amsterdã, Holanda).

as inseparable from freedom, in the same way as rights and duties are. It also stresses the importance of unity among the oppressed against constituted power and states that progress comes from action, therefore disagreeing with religious interpretations that, when considering everything as divine will, disregard human actions in the evolution of societies. Although it considers the possibility of a republic that may also be composed of religious values, presents the first reflections on the notion of Universal Republic, clearly anchored in the anarchist premises.

**Keywords:** Élisée Reclus. Freedom. Revolution. Universal Republic.

**Resumen:** El texto en realidad presenta un llamado a la revolución. Sobre las bases de las perspectivas políticas e históricas, Reclus analiza la lucha por la libertad en diferentes momentos de la humanidad y enfatiza las divisiones creadas dentro de las sociedades para legitimar las relaciones de dominación. Argumenta que la libertad debe ser completa y absoluta, limitada por el amor, entendido como inseparable de la libertad, de la misma manera que lo son los derechos y deberes. También enfatiza la importancia de la unidad entre los oprimidos contra el poder y afirma que el progreso proviene de la acción, por lo tanto, no está de acuerdo con las interpretaciones religiosas que, al considerar todo como voluntad divina, ignoran las acciones humanas en la evolución de las sociedades. Aunque considera la posibilidad de una república que también puede estar compuesta de valores religiosos, presenta las primeras reflexiones sobre la idea de República Universal, fuertemente basada en ideas anarquistas.

**Palabras clave:** Élisée Reclus. Libertad. Revolución. República Universal.

## Introdução (palavras do tradutor)

Escrito entre 1849 e 1850, *Desenvolvimento da Liberdade no Mundo* é considerado o primeiro texto político de autoria de Jean Jacques Élisée Reclus (1830 – 1905).

Elaborado pouco depois de sua expulsão da Faculdade de Teologia de Montauban, ocorrida em virtude da defesa de ideias consideradas demasiadamente progressistas, o texto apresenta a visão de um jovem revolucionário inserido na conturbada sociedade francesa da metade do século XIX, período marcado pela Revolução de 1848 e pelo golpe de Napoleão III em 1851.

É importante salientar que, embora o autor seja reconhecido como um dos grandes pensadores da geografia, do ateísmo e do anarquismo, no momento da elaboração do texto ele tinha apenas 19 anos de idade e sua dedicação intelectual estava inteiramente voltada ao aprofundamento das leituras sobre filosofia e política iniciadas ainda no curso de teologia. Portanto, ele ainda não havia iniciado seus estudos sobre Geografia com Carl Ritter na Universidade de Berlim, que ocorreu apenas em 1851, e não havia se convertido ao ateísmo, o que só aconteceu cinco anos mais tarde, durante seu primeiro exílio, no período em que trabalhou como preceptor dos filhos de um grande fazendeiro escravista no sul dos Estados Unidos. Além disso, embora estudasse as obras de Pierre-Joseph Proudhon, afirmasse que o rompimento com o ideal religioso era necessário e defendesse a anarquia como a forma mais adequada de organização social, não se definia como anarquista tendo em vista que, tanto a teoria quanto os movimentos anarquistas se consolidaram na Europa a partir dos anos 1860.

Boa leitura!

## Para se doar, é preciso pertencer?

Séculos atrás, as pessoas lutavam apenas por suas paixões ou por interesses imediatos. Sem remorso, e até parabenizando a si mesmas por terem conseguido satisfazer sua ganância, exterminavam nações inteiras, arrastando consigo multidões de escravos. Sem qualquer vínculo de solidariedade, aproveitavam seu bem-estar egoísta, construído em detrimento do bem-estar dos outros, e o mundo, entregue ao acaso, era apropriado pelos mais fortes, às vezes pelos mais hábeis.

No entanto, desde os primórdios da humanidade, surgem nobres gênios, pessoas que chegaram a esta condição em virtude de sua insatisfação com a realidade e a esperança em um futuro melhor. Alguns deles, como o antigo patriarca Abraão, deixaram seus familiares, seu país, para viver distante do egoísmo. Posteriormente, outros escreveram que a verdade ainda não havia chegado a Terra e que seria necessário, portanto, leis mais justas e mais humanas. Entretanto, despertaram todas as paixões malignas contra si, encontraram apenas indiferença e ódio, e, se não morreram pelo abandono, foram enforcados ou torturados sob os aplausos da população. Alguns deles conseguiram atrair a multidão e revigorar milhões de pessoas com seu entusiasmo, mas tiveram que lutar muito e mostrar genialidade diante da massa.

Agora, homens ávidos por um futuro melhor podem ser contados diante dos apoiadores do passado. Mas, dia após dia, a massa aumenta com a mesma velocidade de uma rocha caindo sobre o chão. A luta assumiu proporções colossais: classes e classes, povos e povos estão engajados nesta gigantesca engrenagem. Escravos e bárbaros, antes apenas homens apreendidos, hoje lutam pelo que antes ignoravam: uma ideia. Antigamente, os conquistadores levantavam nações inteiras em nome do poder, da glória, de interesses particulares. Agora os povos se levantam, mas não por causa de um homem, visto que os homens erram, não pela glória,

falsa sem a liberdade, não por seu próprio interesse, mas pelo interesse de todos.

Antigamente, surgiu uma ideia que consistiu em empurrar os bárbaros sem que eles percebessem. Os godos, que destruíram o Império Romano, queriam trocar o nevoeiro do norte pelos países dourados do sul. Saquear templos cheios de ouro e pedras preciosas, substituir sua rústica alimentação por iguarias de diferentes países do mundo, desfrutar dos prazeres romanos, saciar seu desejo de sangue e massacres, essa era sua ambição. Vagavam cegamente em direção a um futuro, mas dificilmente um deles sentiu a mão de Deus empurrando-o para futuro, assim como dificilmente uma voz interior gritava a eles: vá, vá!

Mas, quando nossos irmãos saíram de suas barricadas – triunfantes, caminhando pelo Tulherie vazio e sem rei, gritando: Viva a República! – eles sabiam qual era o seu objetivo. Seus pensamentos estavam à altura de seus gritos. Em seus corações, assim como em suas bandeiras, orgulhosamente estavam registradas as palavras de liberdade e fraternidade.

Hoje, portanto, o mestre precisa contar com aqueles que ontem eram uma manada de escravos, pois, a multidão que costumava ser alavanca para os pensadores isolados tornou-se pensante. E o coro, que outrora os fez sair de cena, tornou-se o ator principal no cenário mundial. Contra ele, levantam-se todos os homens do passado. Eles não se contêm em seu egoísmo repulsivo, levantam os canhões de sua Torre de Babel, despertam das tumbas os espectros uivantes que aparecem ao amanhecer. Tudo em vão! Suas armas não podem perfurar a ideia que vive em nós. Seus espectros noturnos não podem suportar o brilho do nosso sol. Seu passado não pode superar nosso futuro.

Eles serão derrotados, eu juro! As deserções entre eles serão grandes. Vai ser difícil lutar com sol e poeira à frente. Já nós, temos em nossos pelotões muitos homens de bom coração, que usam seu tempo e sua riqueza para provar que estão errados ao serem ricos na miséria dos pobres, que estão insatisfeitos com a fome dos outros, que não estão felizes com o infortúnio.

Há muito tempo um grito de guerra ecoa sobre o campo de batalha, as armas se preparam, as primeiras vítimas já caíram. Hoje, a luta, amanhã a vitória!

## II

Que ideia é essa que por tantas vezes levantou homens contra homens e agora divide o mundo em duas grandes facções? É a ideia da liberdade, a liberdade completa e absoluta. Foi por ela que 70.000 huguenotes morreram em apenas uma noite, que, por 10 longos anos, nossos pais tingiram de vermelho os andaimes de todos os campos de batalha com o seu sangue, que todos os precursores foram odiados, desde Sócrates, que libertaria a filosofia, a Louis Blanc, que não conseguiu libertar seu povo.

No entanto, não acreditemos que a liberdade seja o único objetivo do homem aqui na Terra. Se assim fosse, nossas esperanças nos levariam apenas a um gigantesco egoísmo. Há outra ideia, a do amor, que se desenvolve paralelamente à primeira. Para cada homem em particular, a liberdade tem um objetivo, mas é apenas um meio de amar pela fraternidade universal. Um meio eficaz e poderoso porque um homem livre pode, sem esconder o motivo, abraçar seu irmão, também livre, e dizer: "Eu te amo".

A Declaração dos Direitos do Homem está, portanto, equivocada quando concede ao cidadão o direito à liberdade na medida em que essa não é limitada pelo amor, pelos deveres. Em vez de caminharem juntos, direitos e deveres concordam em sua mais alta acepção. Em vez de limitar um ao outro, se multiplicam, caminham em paralelo, do homem a Deus, onde direito e dever, amor e liberdade são um só e a mesma coisa.

Esse progresso do qual falamos não se desenvolve de maneira uniforme, nem nos corações, nem mesmo, e, sobretudo, nas ações. Podemos aplica-lo à história do mundo a partir da fórmula filosófica da ação e reação, mas desde que a reação seja sempre menor que a ação. Assim, em seus velhos tempos, Roma, vencida

pelos apóstolos de Jesus, retrocedeu ao fetichismo. O catolicismo triunfante é uma reação pagã misturada a elementos cristãos, o protestantismo é um catolicismo disfarçado, e a reação política se orgulha das barricadas que ergue em seu entorno, esquecendo que todas as reações estão condenadas à morte e que todos estão envolvidos nesta aniquilação, esquecendo ainda que o futuro caminha sobre o ventre dos seus adversários. A humanidade é uma onda em delírio que salta sobre as rochas, afunda no oceano e retorna das profundezas com uma fúria implacável, e que só desaparece com a ruína do inimigo.

O mundo dos fatos ainda pode estar ainda no seu período de reação, já que o progresso está introduzido nas mentes, com novas promessas e esperanças, desconhecidas nos séculos anteriores. Mas não é sem luta que o progresso é transportado às instituições. É preciso se levantar, com toda força, contra a inércia do hábito, do egoísmo e do passado. Portanto, todo progresso é doloroso e inevitavelmente vem acompanhado de uma revolução: cada verdade se afirma ao custo de sangue e lágrimas. O cristianismo, a burguesia e a reforma religiosa sujaram seus pés com sangue, e vemos a mesma coisa com a República. A democracia pacífica é uma utopia. A humanidade, ainda muito jovem, tem suas fases críticas, suas doenças, mas volta mais forte, mais animada e mais bela.

Salvo alguns pessimistas e ortodoxos refinados que ainda acreditam que o mundo está em decadência, a maioria dos homens admite, de fato, que a humanidade está em marcha, mesmo alguns acreditando que esse progresso seja natural e que a vontade do homem não tem nada a ver com isso. Por outro lado, outros acreditam que todos os países da humanidade existam completamente independentes da vontade de Deus. As duas opiniões são falsas: todos os movimentos da humanidade são produzidos por uma dupla influência que necessariamente contribui a um objetivo; a vontade do homem e a vontade de Deus, também conhecida como fatalidade, é imutável porque nada irá alterá-la. Liberdade e fatalidade, em vez de se destruir mutuamente, caminham harmo-

niosamente em direção ao mesmo fim: é a dualidade tendendo à unidade.

Portanto, é ridículo admitir, como o fazem muitas mentes fracas, que a mão de Deus comanda o universo, de modo a não considerar a ação do homem para os fatos. Todos os eventos surgem a partir do livre desenvolvimento do homem, todos irrevogáveis. Acredito firmemente na restauração da raça humana, na reabilitação final, mas consideraria ímpio e contrário à santidade de Deus que o homem nada tenha a ver com a perfeição que alcançaria. Homem e Deus têm uma existência real, não sejam, portanto, nem fatalistas nem ateus.

Seja qual for o caso, é incontestável que a humanidade caminha para o progresso, e isso é tão verdadeiro que até os nossos inimigos mais declarados se valem do antigo argumento conservador: estamos comprometendo o futuro por querer apressá-lo demais. Para eles, seguimos voluntariamente o caminho oposto e gostariam de nos trazer de volta à falsa união que consistia em juntar todos os homens em torno de alguém cujo nada poderia justificar a onipotência. Nosso objetivo é chegar à unidade, mas à verdadeira unidade, na qual todos se tornariam livres, aliados uns dos outros, e todos com Deus, que apenas o infinito pode conter. Assim, partindo do princípio único da autoridade, tendemos também a um princípio único, mas oposto: cada ponto que separa os dois extremos é uma luta entre a autoridade inicialmente poderosa, mas sempre em declínio, e a liberdade destinada a toda a Terra.

É a essa grande ideia de liberdade que as ideias humanas nas diferentes civilizações nos conduzem. Foi por ela que todos os países partilharam entre si a parcela de verdade que conquistaram. Era preciso que Benares falasse com Memphis, Babilônia com Alexandria, mesmo que por montanhas e mares. Agora, todos os povos devem se unir em um grande concerto e cantar, um após o outro, as notas que surpreenderam a harmonia do céu. Quando todos os caminhos se unirem na mesma sinfonia, a onda civilizadora vinda do Oriente, impregnada por toda a seiva dos países

que cobriu, fluirá novamente para o sol nascente e revigorará as regiões agora desoladas. É assim que todas as ações humanas acontecerão, como se fossem as águas de um riacho deslizando sobre a areia e retornando ao mar. As pessoas corrompidas pelo desprezo, a horda sangrenta dos bárbaros, a raiva do escravo indefeso, tudo isso é para Deus uma equação. Uma grande e sublime equação pela qual, se necessário for, derramaremos nosso sangue, pois, amanhã é o grande dia do combate, o grande dia da vitória, o dia em que Jesus virá reinar sobre seus inimigos e impor-lhes a fraternidade e a adoração ao seu Deus.

### III

Se buscarmos no passado o desenvolvimento da ideia da qual falamos, devemos lembrar que os vários períodos da humanidade estão longe de ser tão bem definidos como parecem, pois somos espectadores distantes. Todas essas épocas se sobrepõem, fundem-se uma a outra, e as causas dos eventos que ocorrem atualmente são encontradas desde a origem do mundo. No entanto, para não se perder no labirinto da história, a mente para voluntariamente nos momentos aos quais as ideias são violentamente transportadas pelos fatos. É com o auxílio do rastro deixado pelas poças de sangue, espalhadas aqui e ali, que reconhecemos o caminho da humanidade.

Todos sabem que a liberdade estava no estágio de casulo no mundo oriental, tremia diante do mundo greco-romano e tentava quebrar suas limitações. Todos também sabem que agora está se manifestando, deixando sua pele para trás. Os povos da Índia e do Egito, fatalistas em sua filosofia, permaneceram silenciosamente nos seus lugares esperando como um rebanho de ovelhas. Divididos em castas, isto é, em categorias de escravos mais ou menos brutalizados, adotaram a tirania como ordem irrevogável do destino, sua religião. A casta de mestres e eruditos foi incapaz de recrutar a massa mais viva do povo e, orgulhosa, desperdiçou

toda sua energia primitiva, parou de se assemelhar às pirâmides imutáveis às quais tinham construído.

Os gregos, ao contrário, imbuídos na criação de uma forma perfeita de governo tentaram o despotismo, uma espécie de monarquia temperada, a oligarquia e a república, mas não se atentaram à própria cidade. Ao invés de expandir para propagar seu espírito, se fecharam em muros e classificaram como bárbaros todos aqueles que viviam além de suas montanhas ou margens. O próprio Platão, o grande Platão, fez sua república ideal em uma cidade grega, de homens livres e subservientes. Portanto, não devemos comparar as repúblicas gregas, baseadas na desigualdade, com as nossas, que são pautadas na ideia oposta. Em nossas repúblicas, nas quais todos têm voz e vida, pelo menos em princípio, uma vida tem os mesmos direitos que todas as outras. O comunismo espartano, baseado no ódio ao estrangeiro, e o socialismo de hoje têm como ponto de partida a irmandade universal.

Roma também se dividiu entre patrícios e plebeus, entre homens livres e escravos, em cidadãos e estrangeiros. No tempo de Augusto, a cada 20 homens, 19 eram apenas coisas para o vigésimo. Entretanto, mesmo que vagamente, era reconhecida a igualdade entre todos. Durante a festa de Saturnália, festa que comemorava a idade de ouro, todas eram iguais, o escravo tinha o direito de atacar seu mestre.

Na antiguidade, os judeus reconheceram que não deveria haver escravos, e se tivessem cumprido fielmente os preceitos de Moisés jamais um deles precisaria se vender para alimentar sua família. Pelas instituições, sobretudo pela religião, os judeus descendentes do Sinai foram os precursores do cristianismo, aquele no qual seus profetas haviam anunciado, e que esperavam por muito tempo. Mas este cristianismo que pregava a renúncia à alegria improba, dizia ao rico para viver com os pobres e como os pobres, esse cristianismo dos comunistas São Basílio e São Crisóstomo foi nutrido fortemente pela visão materialista grega e romana. O império do mundo desapareceu nas mãos de seus

fracos senhores e teria morrido de fome um século mais tarde se as hordas de bárbaros não tivessem vindo antes para devastá-lo.

Demorou muito tempo para o espírito do evangelho moderar os selvagens vencedores, homens de ferro conseguiam sorrir com a morte. No final, os senhores se acostumaram a ver seu servo como homem porque todos se encontravam na mesma igreja. Além disso, o padre, muitas vezes filho de um servo, tratava a todos como iguais diante de Deus. Nossos historiadores nos contaram como os burgueses da cidade, com inveja da riqueza dos lordes, se revoltaram contra eles. Contaram-nos também como os reis se uniram aos vilões contra os poderosos barões, como a aristocracia francesa foi derrubada três vezes de forma que não conseguiu mais se levantar. Então, a realeza triunfante caiu e, com todo o peso da aristocracia, foi derrotada pela burguesia que se tornou mais forte. A revolta invadiu os corações e depois a mente das pessoas. Foi sangrenta, mas foi na França que a liberdade encontrou seu berço.

Por que Itália e Inglaterra não precederam esta nova era de fraternidade universal? Tentaremos explicar.

A Itália foi menos afetada que outras partes do Império Romano. O surgimento dos bárbaros interferiu menos ali que em Gália e, mesmo que a civilização pudesse florescer em solo italiano mais rapidamente, ainda assim faltaria o vigor e a energia que corriam no sangue dos homens do Norte. Não havia se passado dois séculos desde que a raça alemã se misturou à antiga raça italiana. Assim, desde que a civilização conseguiu retomar seu caminho ascendente à sombra dos papas e exarcos, tornou-se exclusivamente italiana. Antigas distinções romanas entre cidadãos e bárbaros reapareceram e o país foi dividido em um número infinito de pequenas repúblicas mercantis, todas inimigas umas das outras, todas aristocráticas, assim como Esparta e Atenas. Nem a bela Veneza, a rica Gênova, ou a famosa Florença compreenderam a ideia de liberdade para todos. Mesmo o nobre Rienzi, com seus grandes planos de regeneração, apenas queria restaurar a antiga glória de Roma e a unificação da italiana. Assim, quando esses pe-

quenos estados isolados passaram a enfrentar conflitos internos, os tiranos estrangeiros colocaram seus olhos e suas mãos na Itália trêmula. Foi então que o espectro passou de suas mãos para as nossas, pois a dignidade real da civilização nunca morre no mundo e, quando um povo morre, antes chama outro em seu leito e conta, mesmo com a voz embargada, seus segredos.

Já a Inglaterra, derrotada pelos romanos e convertida ao cristianismo, se desenvolveu rapidamente, mas de maneira exclusivamente inglesa. Cercados pelo mar por todos os lados, os ingleses acreditavam estar formando uma nova espécie humana. Para eles, a pátria não pode existir se não estiver coberta pelas névoas do Tamisa ou do Humbert, ou então se o sol não estiver oculto por um véu de névoa suja e negra. Nos seus corações, o amor à pátria é ao mesmo tempo o ódio ao estrangeiro. É, sobretudo por isso, que a Revolução dos ingleses se distingue da nossa, embora as duas tenham começado com a morte de um rei e terminado com um tirano, protetor e imperador de todos. Por conseguinte, a revolução inglesa foi em grande parte uma disputa inútil de dogmas entre presbiterianos fanáticos e anglicanos intransigentes, discussão que seria mais bem absorvida se tivesse sido realizada em etapas e por pessoas sentadas em bancos do que em meio a sangrentos assassinatos no campo da batalha ou no cadafalso. Muito diferente foi a nossa bela Revolução Francesa, baseada nos direitos, não dos franceses, mas do homem, na qual não houve trégua ou descanso até que ela alcançasse o mundo.

A Revolução Inglesa estava em completa contradição consigo mesma uma vez que sua ideia de liberdade era restrita. Além disso, os ingleses nutriam o mais alto respeito pelas leis – respeito que gostavam e o tempo todo se gabavam disso acreditando ser uma qualidade rara. Por isso, devem ser responsabilizados. Como todas as coisas humanas, as leis devem existir perante o tribunal da nossa consciência e só devemos nos submeter a elas quando estiverem em perfeita harmonia com a lei moral que habita em nós. Se não estiverem de acordo com a nossa justiça interna devem ser desobedecidas. Portanto, é triste ver um povo orgulhoso

e nobre como os ingleses confiando sua liberdade não em leis imutáveis, mas em uma velha Carta do passado. É triste vê-los se curvarem diante dos velhos costumes do passado, monstruosos e bárbaros perpetuados por séculos. O respeito por essa lei é covardia moral. Os ingleses não podem negar: se desenvolvem, mas é mais de consequências para consequências que de negações para negações. A Inglaterra, disse M. Guizot em sua juventude, é a águia com as asas curvadas que constrói, repara, embeleza seu ninho e assim deixa voar em regiões ensolaradas. Mas o grande dia também chegará para ela, um dia terrível e escuro, pois o espírito da vingança se acumula há muito tempo.

Nós, franceses, devemos o privilégio da iniciativa à feliz mistura de raças que vieram se unir em nosso país natal. Na França, uniram-se: gauleses em batalha, francos destemidos, godos inteligentes, hunos de ferro, romanos de bronze e árabes de fogo. Todos esses povos, depois de terem se confrontado, uniram-se, e é deles que nós, os porta-estandartes do futuro, descendemos!

Por sermos filhos de todas essas nações herdamos o instinto de sociabilidade que brilha em torno de nós. Antes do século XIX, para que reputação estrangeira se tornasse europeia deveria passar pela França. Agora é na França que todas as ideias partem, e esse presságio, por si só, abala o velho mundo.

Quanto aos alemães, eles caminham lentamente, mas chegam. Ainda não têm o jeito alegre e jovem dos homens do sul. Não se voltam, como nós, às causas dos fatos, mas recorrem às suas teorias filosóficas para explica-los e percebem que esses fatos e a justiça estão em permanente contradição. Agora os vemos tentados a cair na arena das revoluções, nos moldes da nossa Revolução de 1792 e da Revolução Social, não nos atenderam ainda. Se não cumprirmos nosso trabalho, futuramente estarão na nossa frente.

Todos conhecem a história da Revolução Francesa, iniciada em 1789 e que continua até hoje com aventuras e dramas sangrentos. A antiga ordem foi violentamente abolida. A vontade de um deu lugar à vontade de todos, os laços da religião oficial foram

rompidos, juramentos e magistrados foram substituídos pela livre concorrência que, antes de tudo, é apenas a liberdade do monopólio, mas substituiu o despotismo. Foi a ascensão da burguesia.

Sabemos como essa burguesia contribuiu para a queda de Napoleão não deixando o imperador descansar em nenhum momento. A reação autoritária contra a liberdade e a intimidação do povo fez o imperador sucumbir diante dos golpes da burguesia, unida em prol do comércio e da Santa Aliança. Enciumada com os privilégios da nobreza, por 15 anos a aristocracia das finanças fez uma oposição fervorosa a nobres e padres que tentavam retomar seus antigos direitos. Finalmente, conseguiram colocar o povo de lado e a Revolução de Julho ocorreu, mas não em benefício dos pobres aos quais havia criado, em benefício dos ricos que haviam escondido. Esta revolução, como sabemos, manteve em suas bandeiras a palavra liberdade e em sua carta mentirosa a palavra igualdade. No entanto, não encontrou distintivo nem altar para gravar a palavra fraternidade. Sem se preocupar com os deveres, esta era de egoísmo recorreu apenas aos direitos, mesmo sabendo que sem o dever a própria lei não poderia sobreviver.

A monarquia constitucional se manifestou em todo o seu esplendor, uma espécie de balanço político no qual três acrobatas se revezavam no papel de equilibrista. É uma espécie de ecletismo político tão absurdo quanto o ecletismo filosófico, tão transitório quanto impossível porque o princípio eletivo e a realza sempre estiveram em guerra. Foi por causa do princípio eletivo que o reinado sucumbiu em 1815 e 1830. E vai ser por causa dele que todos cairão como na Inglaterra, onde os três poderes foram ao mesmo tempo ocupados por representantes da aristocracia. Não há meio possível entre o povo e César. Ou o Estado permite a participação de todos ou que afunde na pessoa de um homem. Se não aceitar a soberania do povo, abriremos as portas da república a Nicolas!

A questão está julgada: a monarquia constitucional está morta. E Deus queira que nossa vergonha e nossas dores estejam mortas com ela! Deus queria que a burguesia que reinou sob o nome de Louis-Philippe tenha terminado seu reinado! Por 18 anos, vimos os

pilares da Bolsa de Valores serem construídos nos gabinetes reais. Por 18 anos, desde que foram autorizados a navegar livremente pelos mares, seus líderes convidavam reis estrangeiros para cuspir em nossa bandeira. Quando os soldados esqueciam o caminho da fronteira, os vimos aprendê-lo pela dor em nossas ruas. Muitas vezes ouvimos o barulho do tiroteio e a agonia dos que eram culpados por sentirem fome. Vimos os ricos esmagando os pobres com suas riquezas. Ainda vemos diariamente os pobres comendo um pão miserável, manchado por lágrimas, por sangue.

Por 18 anos, um sopro abominável, carregado de interesses e egoísmos, tomou conta da França. Começava a Revolução do escárnio. O trono desapareceu e a burguesia começou novamente a celebrar o povo magnânimo, que teria sido fuzilado se não tivesse sido derrotado.

#### IV

Mas foi vitorioso. Os canhões de bronze e os soldados com suas longas baionetas recuaram diante do mar de homens famintos e esfarrapados pela miséria. Foi em vão os rifles reais procurarem seus peitos porque atrás de cada homem insatisfeito havia uma onda de outros insatisfeitos e de cada janela era lançada uma pedra. Oh! Foi um belo dia, no qual milhares de combatentes, orgulhosos por terem pagado a vitória com suas feridas, desenrolaram ao vento um pedaço de pano rasgado com o símbolo da República, outros escoltaram piedosamente o cadáver de um irmão ao mesmo tempo que choravam lágrimas de dor e de entusiasmo. Foi um lindo dia, no qual vimos um rei, que por muitas vezes se orgulhou por ter encarcerado manifestantes, ficando pálido com a aproximação do povo e correndo a procura de um fétido porão para se esconder em seu esplêndido castelo. Foi um dia bonito para nós, homens da província, porque conhecemos ao mesmo tempo a luta e a vitória, para os idosos de 89 anos que dificilmente encontravam uma lágrima de prazer em seus olhos, para os mártires da República por estarem livres, que se parabenizavam pelo fato da

França ser a Europa que ruge até em suas fundações. Nesse dia a esperança nasceu em muitos corações, mas eram vãs esperanças que se transformariam em angústia. De qualquer forma, todas as reformas, políticas, sociais e religiosas ocorrerão.

Todas as reformas estão relacionadas umas às outras e ocorrem simultaneamente ao longo dos séculos. Seria fácil para uma pesquisa histórica provar, por exemplo, que o paganismo envolvendo os milhares de deuses estrangeiros está, necessariamente, relacionado à cidadania, inclusive nas antigas repúblicas que escravizavam nações derrotadas. Da mesma forma, é possível provar que o catolicismo corresponde a uma ordem política do feudalismo, uma ordem social servil. Dito isso, não há necessidade de recorrer às provas para saber que quando um princípio governa manifesta-se por todos os lugares, que a liberdade de um exige a liberdade de todos. Portanto, estamos firmemente seguros de que a verdadeira soberania, o verdadeiro socialismo e o verdadeiro cristianismo só alcançarão seu ideal juntos, pois, toda escravidão está unida e o homem só será livre do homem quando estiver liberto do erro. É a verdade que nos tornará livre.

Não vamos discutir todos os eventos que se sucederam na França e no mundo desde a Revolução de 1848 porque isso é uma tarefa para os historiadores. O trabalho dos críticos é apontar as consequências dos princípios que estão postos. Portanto, analisaremos apenas quais são os objetivos políticos, sociais e religiosos da inversão ocorrida.

Nosso objetivo político, que não é segredo para ninguém, é superar o ideal religioso, aquele que combatemos desde o início. Não pararemos nossas lutas até que tenhamos alcançado a emancipação completa de todos os homens. Não basta emancipar uma nação em particular da tutela de seus reis. Isso deve ocorrer em todas. É preciso abolir os limites, as fronteiras que nos torna inimigos de outros homens. É para nós que está reservada a glória esplendida de romper todos os limites ímpios e de rebatizar rios e montanhas que separam duas pátrias com o nome da pátria universal.

Nosso grito não é mais: Viva a República! Ela já é um fato quase consumado desde que a proclamamos há 60 anos. Nosso clamor agora é: Viva a República Universal! A futura República na qual os gregos terão os mesmos direitos que os franceses, na qual os povos que habitam a Sibéria falarão na mesma assembleia que os parisienses.

Já é possível perceber que o ódio entre as nações está diminuindo, que os homens são julgados agora mais por suas opiniões que por sua terra natal? Não há mais no mundo homens do futuro e homens do passado. Cada um desses dois imensos partidos compõe uma confederação gigantesca que se forma em todos os países, sem distinção de raça ou de língua. Nós, democratas, somos unidos pelo coração, mas não com os franceses egoístas que vendem a carne do povo cortada com seus escudos, nem com aqueles que nos fazem pagar até pelo sangue das viúvas. Não estamos unidos aos franceses dos brasões, que gostariam de nos trazer de volta ao século no qual éramos os vilões nos jogos dos nobres. Estamos unidos pelo coração com os húngaros que enterraram os cadáveres de quatro exércitos inimigos em suas montanhas, com os italianos que rasgaram o manto do padre para embrulhar seu corpo dilacerado por baionetas, com todos os povos oprimidos de todas as nações, com os miseráveis, com aqueles que lutam contra os opressores alemães, contra os opressores franceses. Derrotaremos todos esses tiranos e, quando os matarmos, estenderemos nossas mãos fraternas uns aos outros e fundaremos a República dos Homens.

O governo provisório teve um pressentimento sobre a verdade quando rasgou os tratados de 1815 e lançou seu manifesto à Europa. Desde Richelieu, a caneta do ministro havia abatido várias nacionalidades da mesma forma que a espada dos conquistadores fazia no passado, e, aquilo que foi chamado de equilíbrio europeu era na verdade um sistema colossal baseado na inveja, que unia todos os poderosos contra um, que procurou enfraquecer ao máximo cada nação inimiga. Pela primeira vez, a moralidade foi considerada a mais bela das políticas e as relações entre as pessoas

foram incorporadas às relações entre dos homens. É verdade que voltamos ao passado diplomático, mas foi apenas por um tempo. Quando sairmos novamente deste tempo, será para sempre.

Em suma, nosso objetivo político é a abolição dos privilégios aristocráticos em todas as nações e a união de todos os povos. Nosso destino é chegar a esse estado ideal de perfeição no qual as nações não precisarão mais estar sob a tutela de um governo ou de outra nação. Essa ausência do governo é a anarquia, a mais alta expressão da ordem. E aqueles que ainda não acreditam que o mundo possa existir sem uma tutela, aqueles que ainda não acreditam no progresso, serão seus reatores.

Mas a liberdade política não é nada sem outras liberdades. Não é nada sem as liberdades sociais. Liberdade! Qual o significado dessa palavra para aqueles cujo suor não é suficiente para comprar o pão da sua família, para os trabalhadores que adquirem novas dores como resultado de revoluções que eles mesmos fizeram? A soberania de um povo é motivo de risos quando é exercida por homens esfarrapados e famintos? O direito de ir uma vez ao ano entregar um pedaço de papel na prefeitura compensa o direito à vida? Não vamos repetir tudo o que já foi dito sobre essa relação, que transforma o mundo em uma grande arena na qual os gladiadores lutam até a morte, onde espectadores ávidos descem das arquibancadas para também afundar seus braços furiosos em um peito palpitante, para pressionar ainda mais o joelho do vencedor sobre uma vida que se vai. Este mundo, cujo ideal seria o amor de todos por todos, é transformado em um drama sangrento, no qual a felicidade de um é construída pelas lágrimas de muitos, no qual a comida dos ricos é obtida a partir das lágrimas de uma viúva.

Os defensores da competição não respondem quando são questionados porque suas próprias defesas os conduzem ao socialismo. Para eles, a base da competição é a liberdade, mas, se todos os homens têm o mesmo direito à liberdade, é o socialismo. Apesar da conclusão do debate ser em si mesma uma refutação própria de suas premissas o refrão fatal de todos os seus apontamentos é: Associe-se! Junte-se! Invocando a liberdade, trabalha-

-se pela escravidão do trabalhador. O objetivo da liberdade seria escravidão?

Há muito tempo uma série de sistemas socialistas emergem no mundo das ideias, todos baseados na igualdade teórica entre os homens, levando mais ou menos a uma igualdade prática. Esses sistemas estão corretos na medida em que se apoiam no princípio verdadeiro da igualdade, mas falsos quando se afastam de suas consequências. Serão falsos se não modificarem a prática, o que é inevitável nas coisas humanas.

Para que o socialismo chegue à sua perfeita expressão, para que seja verdadeiramente um ideal de sociedade, deve salvaguardar os direitos do indivíduo e de todos para que cada membro da associação humana se desenvolva livremente segundo seus meios e suas faculdades, sem ser impedido pela massa de irmãos. Ao mesmo tempo, o bem-estar de todos é consequência do trabalho de cada um. Algumas variações comunistas, em reação à sociedade atual, parecem acreditar que os homens devam ser absorvidos pela massa e não serem mais que um entre os inúmeros braços do pólipo que são agitados em seus recifes, ou como gotas d'água perdidas no mar, levantadas por um furacão formando uma única onda. Eles estão muito enganados: o homem não é um acidente, mas um ser livre, necessário e ativo, que se une, é verdade, a seus semelhantes, mas não deve ser confundido com eles.

É, sobretudo, contra o socialismo que se direcionam as reações de fúria. Seus canhões são muito insanos, como se lançassem seu arsenal contra o ar, contra o vento, pois, o socialismo, antes de ser um sistema, é acima de tudo uma tendência que não habita apenas nos livros de Proudhon ou de L. Blanc, mas no coração do povo, que bate vibrante no momento de sua libertação. Habita no coração dos pobres camponeses, ingênuos e honestos, que desviados por mentiras traiçoeiras fazem das armas um sufrágio universal que atrasa sua própria felicidade. O socialismo emerge nessa atmosfera, entra na casa do burguês rancoroso e senta-se à mesa. É em vão os reacionários conspirarem contra um inimigo invisível, tão invisível que voa de espírito em espírito. Mesmo que

eles queimem o mundo para queimar junto essa nova ideia, ela se agita como se fosse seu próprio filho, de suas entranhas. O filho que procriaram irá ressuscitar e amaldiçoá-los em nome da ideia que eles mais odeiam.

Vimos a formação de uma aparente Liga contra a ideia socialista, mas todos riram dela, até mesmo seus promotores. Como o antigo sistema ainda não morreu? Nem seus defensores acreditam mais nele, não apresentam mais a crença na fé que supera todos os obstáculos. Como o antigo sistema permanecerá vivo? Seus defensores só sabem lançar acusações impotentes para esconder suas dificuldades. Eles negam a verdade do socialismo, mas não sabem defender seu próprio modelo de sociedade, composto por um monte de ruínas e mentiras. A nova ideia, pelo contrário, nega a velha e se afirma, ou seja, apresenta os dois elementos que condicionam sua existência. Quanto à velha ideia, não possui ao menos um lado positivo, portanto, não existe, é vã aparência.

Mas não é na satisfação material das necessidades do homem que reside nosso ideal. Temos um objetivo maior, e esse objetivo é Deus, a liberdade suprema. Em relação a ela, todos devem andar livres e independentes da vontade dos outros. O amor vai de cada homem a Deus e não precisa ser oferecido a alguém que não seja ele, ou então ficará fechado em uma barreira estreita, construída por mãos humanas, guardada por anátemas humanos.

Não é vergonhoso, quando se trata do Deus poderoso que tudo contempla, ver nacionalidades religiosas inimigas entre si? Não é vergonhoso ver uma divisão social em castas, uma divisão entre senhores e oprimidos? Não é vergonhoso ver essas coisas no domínio do Senhor, como se ele fosse um rei vulgar? Quando chegar o dia da República Cristã, o dia no qual todos os irmãos de Jesus Cristo serão iguais e livres, a consciência de todos será a regra da religião, não haverá mais sacerdotes, obstáculos ou limites, apenas e sempre o amor! Nesse momento, o homem poderá aquecer seu coração com os raios de um sol eterno e regá-lo com harmonia celeste porque sua alma será mais sonora que todas as harpas eólicas. Será mais bela e nos livrará da morte. Será es-

plêndida em harmonia sendo tocada pela própria vida! O objetivo supremo do homem será um hino de amor em honra ao Deus do amor!

V

Devemos, portanto, temer essas revoluções que levantam pessoas contra pessoas, que muitas vezes varrem os homens como um furacão. Se a salvação da humanidade tem esse preço, eu os invoco e peço que gritem: escolham suas vítimas, recolham os cadáveres caídos por todos os lados para que nossos descendentes sejam felizes! Se o barco em que estamos só pode se aproximar de alguns marinheiros, então todos ao mar, e, mais tarde, em uma canção festiva, falarão dos homens de bom coração que morreram nas ondas.

Não nos importa os clamores dos homens pequenos, cegos pelo sentimento de vingança. Chegará o dia em que diremos: Entre na poeira! Você entrará e depois se perguntará se foi apenas um sonho.

Sim, era apenas um sonho. Qual é a utilidade de suas emoções convulsivas, de suas ansiedades, orações e ameaças? Mestres dos canhões, vocês que estremecem ao ouvir uma risada zombeteira, será um livro, apenas um pequeno livro, fará tremer sua fortaleza. Vocês terão apenas alguns dias para viver. Dias cheios de tristeza e ansiedade.

Homens do passado e povos oprimidos, os convido para o grande dia que se aproxima no qual cantarão sua ingênua epopeia. Nas nuvens do horizonte, você poderá ver na planície o dragão do passado com suas escamas enferrujadas e o anjo do futuro perfurando-o com sua lança de ouro.

*Montauban, 1851<sup>2</sup>*

2 Nota do editor da publicação do original:

"A menção 'Montauban, 1951' no manuscrito original foi anotada por Élisée Reclus algum tempo depois da conclusão do texto. Mas em 1851 ele não estava mais em Montauban (França), onde residiu até 1849, quando cursava Teologia, juntamente com seu irmão Élie. Os dois foram expulsos da faculdade em Montauban em virtude da defesa da liberdade de expressão e do espírito manifesto que demonstravam ter (ver volume I da Correspondência de Élisée Reclus). Em 1851, Reclus já residia e estudava na Universidade de Berlim. Uma carta de abril deste ano, publicada no início do volume III das Correspondências, mostra até que ponto a evolução de suas ideias religiosas chegou naquele momento. Esta carta não deixa de ter relações com o manuscrito. De qualquer forma, foi concebida logo após o período evolutivo de 1848 e as ideias de Reclus aos vinte anos de idade". (LE LIBERTAIRE, n° 27, 02 de outubro de 1925, p. 3)

Recebido para publicação em 2 de junho de 2020

Aceito para publicação em 30 de junho de 2020

Publicado em 13 de julho de 2020